



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Assumptos femininos*, por D. Guiomar Torrezão;—*Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Valentina*, novella, (continuação), por Eugenio de Castro;—*S. João*, versos, por F. Palha;—*A artezã*, por Paul Saint Victor;—*As nossas gravuras*;—*Em família (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A morte do clown*, conto, por Eduardo Sequeira.

GRAVURAS:—*A rainha Victoria*;—*Modas*;—*Francisco Alves da Silva Taborda*;—*Alberic Second*;—*O Danubio*.

praia da Torreira, perguntaram-lhe, em dois alexandri nos maviosos, se ainda se lembrava das antigas noites de S. João á beira-mar, quando elle entretecia redondilhas apaixonadas á lua e á ursa-maior.

## CHRONICA

Segundo reza a trova popular,

Té os Moiros da Moirama  
Festejam o S. João.

Ora o nosso indigena não quiz ficar atraz dos moiros da Moirama, o que seria uma vergonha, e festejou alegremente o precursor de Christo, que lhe deu em troca uma noite formosissima e tepida, com o que quer que fosse de provocante. Era, em toda a plenitude da palavra, uma velha noite romantica, cheia d'azul e de luz. As estrellas sorriam lá de cima nas barbas de João de Deus—o eterno lyrico—emquanto Guerra Junqueiro lhe dizia cá de baixo, mostrando-lhes a lombada da *Velhice do Padre Eterno*:—Tolas!

Pobres estrellas! Como ellas reconheceram essa encantadora noite lendaria, e que de decepções ellas tiveram ao evocar as gratas memorias do seu passado!

Julgando encontrar ainda na alma do sr. presidente do conselho algum echo do seu antigo lyrismo da



A RAINHA VICTORIA DE INGLATERRA

Qual historia! Não se lembrava absolutamente de nada o sr. José Luciano. Transmudou-se por completo o systema planetario de s. ex.<sup>a</sup>. Na sua esphera actual occupa o centró a negociata das linhas do Minho e Douro. O globo terraqueo está para elle circumscripto ao

grande tunnel do Rocio, ao qual os nomes do sr. Marianno de Carvalho e do sr. marquez da Foz andam subordinados com a fidelidade de dois sate'lites.

Nem mesmo já se lembra da Anadia, o ingrato presidente, e prefere-lhe o Ramalhão!

Depois, as miserias estrellas voltaram-se para o sr. Barros Gomes, o devoto, e interrogaram-n'o:—«Lembras-te do teu S. João d'outras eras, menino?» E o illustre ministro dos estrangeiros, todo entregue ás delicias da concordata, tambem já se não recordava.

Com os outros conselheiros da corôa entenderam, e entenderam muito bem as estrellas, que não podiam tirar partido. O sr. Beirão sabe lá o que isso é?! O sr. visconde de S. Januario, mathematico e guerreiro, teve acaso algum dia predilecções poeticas?! Não consta.

Por fim de contas, as tristes habitadoras do azul, tão esquecidas pelos srs. ministros e tão calumniadas pelas srs. poetas realistas, resolveram esquecer os homens de uma vez para sempre, e brilhar unicamente em honra de Deus.

Mas o que é certo é que o indigena poude gozar menos mal essa noite, e gozou-a.

Por toda a parte fogueiras, em volta das fogueiras bailaricos, e a poesia nacional, a verdadeira, a nativa, a adejar por sobre os grupos populares, a inspiral-os, a accumulal-os de mimos, de que não podem, com verdade, gabar-se muitos vates engravatados.

«Sacudi do alto do ceu  
Vossa capella de flôres,  
Que n'este ramo queimado  
Renasçam por meus amores.»

O santo passa, e vae desfolhando as flôres da sua capella sobre os ramos verdes ou queimados; e o certo é que os amores renascem, e os bailaricos, as alcachofras e as redondilhas dos cantadores veem a parar em noivados ou coisa parecida.

Tambem, apenas passa, principiam a abater-se aquellas chammas, e dentro em pouco, da fogueira, só restam cinzas...

Emfim, foi-se o dia de S. João, para fazer companhia aos mil oito centos e tantos já passados.

Com as festas d'este anno pouco ganharam as chronicas.

Na praça da Figueira, o costume: borborinho e chilreada. No Rocio, guitarras, flautas e ferrinhos. Nas ruas, bombas e buscapés. Nas janellas, manjeriões e phosphoros de côres. Na feira do alto da Avenida um verdadeiro inferno de realejos que gemem, de bombas que ensurdecem, de rolhas que saltam, de truões que berrem. Nas hortas, baldes, lanternas multi-côres, galhardetes, banzas e cavaquinhos, peixe frito e sallada.

Mas tudo em ordem e doce paz.

Alegrias innocentes e... economicas, que os tempos não vão de feição para grandes despesas.

Se a Chronica fosse muito versada no *Flos Sanctorum*, não deixaria hoje de registrar aqui a biographia do santinho popular que o paiz festejou de norte a sul com descantes e folguedos. Mas a Chronica anda mais ao par das coisas profanas, descurando um pouco as sagradas. De S. João Baptista, sabe apenas que era filho de Zacharias, da tribu de Levi, e de Izabel, prima da mãe de Jesus Christo.

Aos 29 annos entrou a prégar a penitencia nas margens do Jordão e baptisou todos quantos d'elle se abeiravam.

Preso n'um castello, por haver reprehendido energicamente Herodes Antipas, tetrarcha da Galilea, que raptára Herodiada, mulher de Herodes Philippe, foi sacrificado ao furor d'essa mulher, como tantas outras almas de Deus que não são santos.

Um dia, em que Herodes dava um grande banquete para celebrar o seu anniversario natalicio, quiz elle que Salomé, filha de Herodiada e de seu irmão, dançasse, e para o conseguir, prometeu, debaixo de juramento, conceder-lhe tudo o que ella lhe pedisse.

Salomé, industriada por sua mãe, pediu-lhe a cabeça de S. João Baptista, e o rei annuiu.

Foi pois degolado o precursor de Christo.

Este tristissimo epilogo da vida aventureira de S. João, fez-nos lembrar o que acaba de succeder com o governo, o sr. Gomes Netto, deputado por Almada e o sr. Francisco Machado, representante das Caldas em côrtes.

Ha dias, celebrando o sr. Marianno de Carvalho (Herodes) n'um banquete a opprovação do projecto do Banco Emmissor, quiz elle que o sr. Gomes Netto (Salomé), filho de Cacilhas, dançasse á sua vista o fandango. Caprichos de ministro bem comido. Para o conseguir, prometeu Herodes da Fazenda, debaixo de juramento, conceder tudo o que Netto Salomé lhe pedisse.

Salomé Gomes Netto, industriado pelos caldenses, pediu-lhe a cabeça do capitão Francisco Machado. E Marianno Herodes annuiu. E Machado Francisco, o santo pacificador de Braga, não mais voltará a ser eleito pelas Caldas, mercê das artimanhas de Salomé Netto.

Os inglezes, se não festejaram S. João nem Santo Antonio, por não serem santinhos das suas relações, votaram-se todos a festejar barulhosamente o jubileu da velha rainha Victoria, que completou no dia 21 cincoenta annos de reinado, coisa de que raros monarchas do sexo feio se teem podido gabar até ao presente, e mais raros ainda hão de poder gabar-se para o futuro.

Durante uns poucos de dias, Londres esteve em pleno carnaval, em plenissima folia, vendo desfilar, pelas suas ruas illuminadas e areiadas de vermelho, toda a casta de reis e principes, de maharajahs e thakores. Contra a expectativa dos medrosos, os fenianos e os dynamitistas não fizeram ir ninguem pelos ares: limitaram-se a fazer saltar as rolhas de algumas mil garrafas de cerveja, por occasião das festas. No fundo, excellentes pessoas e optimos bebedores, estes fenianos. Não fossem elles irlandezes, e não fizesse a Irlanda parte do reino unido!

Todas as testas coroadas que toram a Londres felicitar a velha imperatriz viuva, levaram na bagagem algum mimo para lhe offerecer.

Uns presentearam a soberana com serviços de Dresde, riquissimos; outros deram-lhe magnificos vasos de prata e oiro. O Papa deu-lhe de Roma a benção pontifical. A rainha de Hespanha enviou-lhe uma mantilha. Mais pratico que todos elles, e mais conhecedor dos gostos britannicos, o imperador de Austria offereceu a Sua Graciosa Magestade 50 garrafas de excellente vinho de Tokay—uma delicia.

Sem querermos dizer que a rainha Victoria tenha por habito entrar pelas bebidas, como qualquer simples mortal, está-nos comtudo parecendo que daria muito mais apreço ao Tokay do imperador Francisco José, do que á benção do Papa Leão XIII.

Porque emfim, Sua Magestade é ingleza, e os nossos fieis alliados gostaram sempre muito do Porto de 1830. Creio mesmo que não se alliariam a nós para a vida e para a morte, senão fosse o Porto.

E afóra as festas de S. João, em que o nosso povo bailou á roda das fogueiras, e as festas do jubileu da rainha Victoria, que levaram a nossa côrte a bailar nos salões da legação de Inglaterra, pouco mais houve digno de ser mencionado pela Chronica, n'esta semana de folias luso-britannicas.

## ASSUMPTOS FEMININOS

## Comedias de sala

(A PROPOSITO DE UMA CHRONICA DE ÉTINCELLE)

Que divertido livro se poderia escrever, tomando-se por thema a paixão da sociedade elegante pelo theatrol...

No tempo da Regencia, o *château* de Sceaux attraía todos os olhares. A pequena fada endiabrada e dominadora, que se chamava duqueza de Maine, começou, cantando couplets, no seu pequeno tablado balsamico como um sachet, e acabou conspirando em Cellamare.

Voltaire, depois de ter *debutado* em casa da duqueza, representou a tragedia em Cirey com a marquiza du Clâtelet. A sr.<sup>a</sup> de Pompadour inventou o theatro dos *petits appartements*. Aquelles que sabem comprehender, poderão apreciar o progressivo nivel dos seus favores, pelos papeis que ella interpretava.

A principio, suave e timida, em seguida, triumphante e apaixonada, ouvem-a cantar.

*Ah! que ma voix me deviant chère  
D'puis que mon berger se plait à l'écouter:*

Quando o pastor se mostrava fatigado, a marquiza, disfarçada em Minerva, pedia a Sabedoria e a Amisade, a constancia e as consolações que o amor lhe recusava.

No mesmo theatro, uma imperial belleza purifica com a sua juvenil presença, com a sua irradiação de aurora, a lembrança d'essa perigosa ligação.

Maria Antonietta representou o «Rei e lavrador», o *Devil de village* e a *Gageure imprévue*, exhalando perturbador aroma da sua graça de mulher e de rainha, aformoseada aos nossos olhos pelas fatalidades que a ameaçavam.

Em nossos dias, a imperatriz Eugenia exhibiu-se no bonito theatro do Palacio de Fontainebleau, em uma comedia de Octavio Feuillet: *Retratos da marquiza*.

Em Compiègne, o marquez de Massa fez applaudir as suas duas famosas revistas. Madame de Metternich *a brûlé les planches*, e o pobre pequeno principe imperial, trajando de granadeiro, tambem alli cantou couplets patrioticamente alegres!...

Como estamos longe d'esses palcos, onde immergiam de setins, rendas e flôres, bustos olympicos de rainhas e imperatrizes!...

Ha ainda o theatro de amadores em França, onde, por vezes, mulheres irresistivelmente sedutoras, como a condessa de Brigade Kemlendt e outras, acordam o fugitivo e saudoso echo do Trianon, mas já não ha rainhas nem imperatrizes.

A guilhotina, os krupps de Bismarck e as azagaias dos zulus, encarrugaram-se de varrel-as do territorio gaulez, como um punhado de folhas seccas que o vento sacode e dispersa ao longe...

\*

O marquez de Massa é que, sobrevivendo a si proprio, triumphou na Republica, como triumphou no Imperialismo.

A sua ultima Revista *Le coeur de Paris*, um elixir de alegria, de fantasia e de actualidade, encarnando na estatueta em Saxe que ornamenta a Comedia Franceza, mademoiselle Reichemberg, foi um acontecimento, celebrado pelos boulevards e pelas pennas dos principes da chronica parisiense, Rochefort, Fouquier, Scholl, Wolf.

\*

E' um erro suppor-se que a comedia de sala seja facil de interpretar. Para desempenhar bem um papel, é preciso mais do que o espirito, é necessario primeiro do que tudo a naturalidade. Uma actriz-amadora não tem para auxiliar-a os artificios da scena. E' vista de muito perto,—o que exige a *linha* nas attitúdes e a simplicidade na dicção. Carece de *vicer* o seu papel, sem caretas, sem exageros de voz, mostrando-se natural e verdadeira. A verdade não será, em todas as cousas, a extrema perfeição artistica? Que ninguem se desconsola: uma rosa é verdadeira, mas a singela bonina silvestre tambem não é falsa; o grito matinal da cotovia não acaricia menos o ouvido do que o canto do rouxinol. Ha attractivos differentes, onde os extremos se tocam.

Cumpra á comediantes não se preocupar com o effeito produzido; exprima os seus sentimentos e deixe-se de provocar applausos. Onde começa a pretensão, quebra-se o encanto.

\*

O programma das representações de amadores é, em geral, de uma banalidade cruel. Assimelha-se aos *menus* dos banquetes, sempre iguais.

Alfredo de Musset compoz um repertorio madrigalesco e fi-

namente malicioso, expressamente para as marquizas-comediantes, no tempo em que as princezas Pignatelli não tinham ainda amarrotado os seus arminhos nas grossos tabuas dos cafés concertos ou nas pistas dos circos.

Todos conhecem essas deliciosas *bluettes*, polvilhadas de iris, que se chamam: *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée, Caprice, Louison, A quoi rêvent les jeunes filles, etc.*

Feuillet, o aristocratico esculptor das pallidas romanticas de 1830, o nervoso e feminio artista, que mesmo nos seus defeitos tem a suprema graça dos seus raros dotes de observador e de sensível, tambem escreveu para exclusivo prazer das amadoras, encantadoras pequenas obras primas: *Le cheveu blanc, la Fée, Lo, partie de dames a le Village, le Voyageur.*

\*

Ha mais de trinta annos que o repertorio de Musset e Feuillet vibram sob os lambrequins dos velhos palacios senhoriaes e sob os tectos esculpidos dos modernos aposentos. As paredes, que como se sabe, tem ouvidos, repetem-os de cor e salteado.

O *Théâtre de Campagne*, editado por Ollendorff, encerra uma variada collecção de comedias de sala, compostas por Legouvé, d'Hervilly, Dreyfus, etc.

Paileron herdou, nas predilecções das actuais amadoras da republica, o logar privilegiado que Musset occupou no grupo das amadoras do imperio.

A *Étincele*, que vimos traduzida e representada ha annos, no Gymnasio, e que tornámos a ver, ha pouco, interpretada pela *troupe* de Coquelin, degenerou em verdadeira monomania.

Affrontando o terrivel confronto da Croizette, as illustres amadoras quizeram, sem excepção de uma só, que Raul lhes ajoelhasse aos pés, e lhes repetisse a simples phrase que fecha esse bijou:—*Chère femme!*

Só Deus e os numerosos Raues que tem florescido por esses palcos fóra, desde a sala da condessa de Portulez, até á estufa da baroneza de Rotschild, poderiam dizer-nos quantos maridos tem feito, e quantos outros terá desfeito essa phrase, á primeira vista tão innocente...

\*

A *Scentelha* continúa ainda hoje a ser a menina bonita dos theatros de amadores.

E entretanto, ha no antigo repertorio francez verdadeiras perolas, a que elles poderiam dar novos engastes. Os proverbios de Carmontelle, as comedias de Marivaux, de Marmontel, as operettas de Gretry. E, recentemente, o *Gringoire* de Banville, o *Cravo branco* de Alphonse Daudet, exhalando o seu doce perfume de graça e de melancolia; a *Uma* de Octavio Feuillet, um acto embulhado em rendas caprichosamente tecidas, faiscante de conceitos diamantinos, parecendo escripto para uma plateia de duquezas.

Ultimamente, o monologo, obdecendo á fatal lei do *ceci tue ça ce'a*, matou a *bluette*.

\*

Em geral, o monologo, absurdo, banal, idiota desde a primeira até á ultima palavra, deixa-nos uma vaga sensação de desgosto, que revela, symptomaticamente, a nullidade do vacuo que o engendrou e a decadencia da epocha que o acolheu.

Não ha senão Coquelin para nos fazer ingerir, sem repugnancia, esse narcotico indigesto.

A comica e pittoresca expressão phisionomica d'este singular artista, presta uma attitudo intencional a cada phrase, que passando pela sua bôca, se transforma e illumina. O vacuo da composição enche-o elle com a complexidade do seu temperamento, onde o comico e o grotesco se alliam e se completam.

O monologo *Les crevisses*, de Jacques Normand, é, evidentemente, menos inepto. Tem graça, uma graça *gouailleuse*, que bastará para o tornar suspeito. Coquelin, porém, aligeira-o, subtilisa-o, cinzela-o, e o que se nos afigurara mediocre, parece-nos, desde que lh'o ouvimos, um relampago de espirito.

Hão de concordar, ainda assim, que o monologo, personificação do *Eu* egoista e descortez, é simplesmente odioso.

GUIOMAR TOFREZÃO

## Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão

III

Não vamos agora, é claro, acompanhar o sr. Teixeira de Aragão no seu excellento estudo acerca da vida de Vasco da Gama

e limitar-nos-hemos a prestar homenagem á finura do seu critério, á erudição que manifesta. Não insistiremos sequer no debate acerca da data verdadeira da chegada de Vasco da Gama a Lisboa, debate já antigo, em que entrou Mendes Leal, e que não renovaremos aqui. Tratemos apenas de pôr em relevo as novidades mais importantes que encontramos n'este excellento estudo.

A primeira foi a publicação do curioso documento pelo qual se mostra que D. Manuel expulsou de Sines o grande descobridor da India, a segunda é a que vem declarada no capitulo intitulado *Veritas super omnia*.

Esta chama tanto mais a nossa attenção, quanto vem rectificar uma asserção feita por nós mesmo na *Illustração Portugueza*, quando aqui narrámos a trasladação dos ossos de Vasco da Gama. Segundo parece, esses famosos ossos, esse craneo, que nós dissemos que tinha todas as probabilidades de ser authentico, não eram os ossos de Vasco da Gama! O craneo que dorme no panteon de Belem, o craneo que tivemos na mão e que nos inspirou tão philosophicas reflexões, é o craneo de um dos seus insignificantes descendentes, é um craneo que, longe de ter abrigado um cerebro illustre, encerrou apenas mesquinhas vaidades e futeis pensamentos. E, emquanto se prestavam todas as honras ao supposto craneo de Vasco da Gama, o esqueleto inteiro e completo do grande descobridor continuava a dormir intacto no seu tumulo da Vidigueira, intacto, e esquecido durante seculos, porque nunca diante do seu tumulo se curvou com veneração um só dos raros visitantes, que no decorrer dos tempos foram procurar á igreja das Reliquias o sepulchro do almirante.

Effectivamente, para empregarmos um proloquio vulgar, podemos dizer que n'uma parte se põe o ramo e n'outra se vende o vinho. O epitaphio de Vasco da Gama estava escripto n'um tumulo onde jaziam os seus descendentes, e sob o epitaphio indicador de ser alli a jazida funebre de um conde da Vidigueira qualquer, é que dormia Vasco da Gama.

Mas, dirá o leitor, não foi o proprio sr. Teixeira de Aragão quem presidiu á trasladação dos ossos de Vasco da Gama em 1880, não foi elle por conseguinte que os authenticou, não foi em virtude da sua declaração que se fizeram todas essas honras a esses restos mortaes?

E' exacto, mas o sr. Teixeira de Aragão tem por divisa a epigraphe do capitulo a que nos referimos: «*Veritas super omnia*.» Não hesitou portanto em reconhecer que se enganara, e em confessal-o. Fez mais, foi por sua propria conta renovar a exploração, e, reconhecendo o seu engano, foi o primeiro a confessal-o altamente e a vir dizel-o ao publico.

Historiemos o caso.

O sr. Teixeira de Aragão em 1880 foi naturalmente ao tumulo que tinha a inscripção: «Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira, almirante das Indias Orientaes e seu famoso descobridor.» O tumulo estava no presbyterio do lado da epistola; encerrava uma confusa massa de ossos. Sabia-se porém que os tumulos tinham sido profanados, que os ossos tinham andado aos encontros pela igreja, e que tinham sido reintegrados confusamente nas sepulturas. Portanto o que se fez foi discriminar entre as ossadas o craneo de um velho, e esse craneo todos suppozeram que seria sem duvida alguma o craneo de Vasco da Gama.

Vamos a ver agora como o sr. Teixeira de Aragão chegou ao descobrimento do que parecia ser a verdade.

Veiu parar ás mãos do erudito investigador um manuscrito, que parece ter pertencido ao tombo de Nossa Senhora das Reliquias e que é dedicado ao 1.º marquez de Niza. Este manuscrito intitula-se: «Fundação do convento de Nossa Senhora das Reliquias da ordem do Carmo, que está junto da villa da Vidigueira, e como esta senhora appareceu e das sepulturas que n'elle ha dos senhores da casa da Vidigueira.» Foi mandado escrever em 1646 pelo prior do convento, Fr. João das Chagas, e o incumbido d'esse trabalho foi Fr. Alvaro da Fonseca.

Ora o manuscrito declarava o seguinte:

«O primeiro senhor da casa da Vidigueira que devemos pôr entre os que estão sepultados n'este convento de Nossa Senhora das Reliquias, é o grande D. Vasco da Gama, fundador da casa dos condes da Vidigueira, e primeiro conde d'ella, que foi casado com a condessa D. Catharina de Athayde. Tem este convento guardado esses ossos na capella-mór, «da banda do evangelho,» junto ao altar-mór; foi o grão D. Vasco da Gama primeiro descobridor das Indias orientaes, almirante real d'ellas, e primeiro conde da Vidigueira; «não tem epitaphio na sua sepultura.»

Logo em 1648 o tumulo de D. Vasco da Gama era do lado do Evangelho, e não tinha epitaphio.

Continúa ainda o frade:

«Defronte do grão D. Vasco da Gama e da banda da Epistola, onde está o Presbyterio, estão em outro tumulo forrado de veludo preto e coberto com um panno de veludo preto debaixo de um doceloutrosim de veludo preto com as armas dos Gamas, os ossos do seu bisneto D. Francisco da Gama, quarto conde de Vidigueira, que foi casado com a sr.ª D. Leonor Coutinho de Tavora, o qual governou a India duas vezes, sendo vice-rei d'ella; tem em sua sepultura o epitaphio seguinte: «Aqui jaz D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira, almirante da India, vice-rei d'ella duas vezes, presidente do seu conselho, gentil-homem da camara

de Sua Magestade, e do seu conselho de Estado, que o havendo servido cincoenta e seis annos, começando de quatorze e foi captivo em batalha de Alcacer, veio acabar em Oropesa, mal satisfeito do seu rei. Foi trazido a trinta de maio de seiscentos e quarenta.»

O que é curioso é que fr. José Pereira de Sant'Anna, na sua «Chronica dos carmelitas da antiga e regular observancia n'estes reinos de Portugal Algarves e seus dominios», escripto no meiado do seculo XVIII, diz exactamente a mesma coisa.

Comtudo, entrando-se na igreja das Reliquias, encontra-se do lado da epistola o tumulo com o epitaphio de D. Vasco da Gama; e do lado do evangelho o tumulo com o epitaphio de D. Francisco da Gama.

Diz agora o sr. Teixeira de Aragão: E' possivel que os dois frades se equivocassem confundindo o lado da epistola com o lado do Evangelho?

De certo que não.

Emquanto o unico testemunho era o de fr. José Pereira de Sant'Anna, podia imaginar-se que houvera engano, ou do author ou do revisor, e que os tumulos estavam não como se dizia no livro, mas como se lia no epitaphio.

Mas, apparecendo duas testemunhas accordes, pode suppôr-se a mesma coisa?

De maneira nenhuma.

Trocaram-se n'esse caso os epitaphos; mas como?

Dizendo fr. Alvaro da Fonseca que o tumulo de Vasco da Gama não tinha epitaphio, e que o do seu descendente D. Francisco tinha epitaphio na madeira do tumulo provisório, o que mais naturalmente occorre é que, ao gravarem-se os epitaphios na pedra, se trocassem.

Mas vem fr. José Pereira de Sant'Anna, em cujo tempo já existiam os epitaphios, e confirma a collocação dos tumulos indicados por fr. Alvaro da Fonseca.

Ha ainda um facto que muito contribue para justificar a exactidão da collocação indicada pelos dois frades—é o de ser o lado do evangelho o lado principal, e o lado da epistola o lado secundario. Ora não era natural, effectivamente, que os descendentes de D. Vasco da Gama dessem ao glorioso fundador da sua casa o lugar secundario.

Quando se trocariam então as duas lousas, se a troca existio? Suppõe o sr. Teixeira de Aragão que a troca se teria realisado quando os tumulos foram profanados, e suppõe isso tanto mais possivel quanto as duas lousas são do mesmo tamanho.

Devemos confessar que esta hypothese não nos parece muito provavel. Para que é que os profanadores da igreja haviam de arrancar as lousas e tiral-as do seu lugar? Bastava levantá-las.

Mas, se esta hypothese nos não parece muito admissivel, o que reputamos certissimo é que, fosse qual fosse o motivo, e fosse qual fosse a maneira, as duas campas foram trocadas.

Esta idéa penetrou tambem profundamente no espirito do sr. Teixeira de Aragão, que deliberou ir por sua conta fazer novas escavações.

A's 11 horas da manhã do dia 11 de julho de 1884, com authorisação e auxilio do sr. visconde da Ribeira Brava, o sr. Teixeira de Aragão na igreja das Reliquias fez abrir o tumulo do lado do evangelho, e verificou, diz elle, «entre fragmentos de um caixão forrado de veludo preto, com galão e pregaria amarella, a existencia dos ossos pertencentes a um só esqueleto.»

O sr. Teixeira de Aragão entende que este esqueleto é positivamente o esqueleto de Vasco da Gama.

Suppõe o sr. Teixeira de Aragão o seguinte:

O cadaver de Vasco da Gama, que fallecera na India em 1524, e que fôra enterrado em Cochim, foi trasladado para o reino em 1539, quer dizer quinze annos depois de estar debaixo da terra.

Veio, e esteve depositado por espaço de cincoenta e quatro annos na antiga igreja das Reliquias. Em 1593 concluiu-se a igreja actual, e os restos do grande descobridor foram de novo trasladados para o sepulchro, onde, segundo parece, jazem ainda hoje.

E' mais do que provavel que em todas estas trasladações o cadaver fosse perdendo quaesquer objectos preciosos que tivesse consigo, de forma que, ao abrir-se a campa que o encerrava, os profanadores não encontrassem coisa alguma que tentasse a sua cubiça, e que assim o cadaver de Vasco da Gama tivesse escapado aos insultos perpetrados em maio de 1840, e que tanto horrorisaram o sr. José Sylvestre Ribeiro, que, sendo em maio de 1845 governador civil de Beja, teve occasião de tomar conhecimento d'esses factos.

Devemos notar que no officio, em que o sr. José Sylvestre Ribeiro noticia este caso, diz que ordenou ao administrador do concelho que mandasse «collocar bem as duas pedras que haviam sido deslocadas,» o que parece confirmar a hypothese do sr. Teixeira de Aragão. Comtudo, ainda observaremos que não é provavel que as pedras, embora não tivessem sido apenas levantadas, fossem mudadas de um lado para o outro. Estavam seguramente junto das covas que tapavam.

O que é possivel porém é que o administrador do concelho, quando o sr. José Sylvestre Ribeiro lhe ordenou que collocasse bem as duas pedras, entendesse que collocal-as bem era trocal-as.



1136

MODAS

Mas o que parece certo é que em 1880 se fizeram todas as honras ao hespanholado D. Francisco da Gama, que morreu em Oropesa, enquanto o grande heroe portuguez continuava a dormir no seu placido tumulo da Vidigueira, sob a perfumada bafagem do vento que se aromatiza nos laranjeas das Reliquias.

PINHEIRO CHAGAS.

## VALENTINA

II

(Continuação)

Uma vez, á noite, encontrei-me com o Barros, alferes de cavallaria, que me fôra aprezentado dias antes.

Fallámos do tempo, d'uma bailarina de S. Carlos, do proximo casamento d'um nosso amigo e finalmente, fiz-lhe sentir que me achava muito embaraçado sem saber como havia de passar aquella noite.

—Venha você a casa do Nunes, disse-me o Barros.

—Quem é o Nunes? perguntei eu.

—Eu lhe digo: o Nunes é o chefe de uma familia das minhas relações; venha você e verá como passa uma bella noite.

Fui.

O Barros aprezentou-me:

—O sr. Carlos Augusto de Mendonça, meu amigo e poeta muito distincto...

E o Nunes com um sorriso amavel:

—Sr. Mendonça, ha meio que o conhecia de nome e folgo de o conhecer pessoalmente. Queira sentar-se: esta casa está sempre ás suas ordens.

Depois o bom do velho aprezentou-me á esposa e á filha, uma lambisgoia de boquinha em chaveta, cheia de bons sorrisos, mui-almiscarada, muito palreira.

Começou a chegar gente: o Cornelio empregado no telegrapho, as Sousas e a Valentina, uma rapariga dos seus 27 annos, muito viva, de estremecimentos nervosos.

O Nunes foi-me informando acerca de toda aquella gente.

—As duas que estão no sofá, dizia-me elle ao ouvido, são as Souzas, filhas do tenente Sousa, que morreu na Africa.

—E aquella que alli está ao canto? perguntei eu.

—Aquella é a Valentina: tem dinheiro e está separada do marido. Aqui para nós, sr. Mendonça, aquelle arranjo é que lhe servia...

Comecei a pensar nas palavras do Nunes e achei que o homem tinha razão. Não era o dinheiro que me deslumbrava: mas o que é certo é que a Valentina era uma rapariga sympathica, muito alegre, tinha uns bellos olhos e uns pésitos microscopicos, liliputianos, que fariam inveja á Imperatriz do Japão.

Enquanto pensava n'estas cousas vieram-me pedir para recitar uma das minhas composições: recitei o *Canto do Cysne*.

E quando cheguei ao ultimo verso, os bravos soaram impetuozos e o Nunes apertou-me nos braços cheio de commoção.

Veio o chá. Depois a Margarida Sousa estropiou no piano o *Clair de lune* de Beethoven e á meia noite começou a sahir toda aquella gente.

Sahi tambem. A noite estava deliciosa: um ventinho fresco soprava pelas ruas fóra e a lua branca, serena e preguiçosa dormia um bello somno, reclinada com desleixo n'um travesseiro de nuvens.

Subi vagarosamente ao meu quarto d'estudante, na rua da Prata.

Accendi um cigarro e encostado á janella comecei a pensar em mil cousas insignificantes: de quando em quando lembrava-me de Valentia e a sua lembrança enchia-me de sobresaltos, de enternecimentos.

No meu quarto havia um socego de morte. Em volta dos biombos forrados com papel côr de cinza dormiam santamente alguns retratos de familia nas suas molduras douradas. Sob a commoda ardia um candieiro de petroleo com o seu *abat-jour* de papelão sustentado n'uma enghoca de arame.

Em volta do candieiro agrupava-se um sem numero de cousas insignificantes: uma escova para dentes, uma bilha de Setubal, um ramo de violetas murchas e uma caixa de porcelana tendo escripto na tampa *cherry tooth paste*.

Enquanto estava como que embrutecido olhando para aquellas cousas, dearei repentinamente com um frasco de crystal. Levantei-me d'um pulo e, abrindo esse frasco, tirei duas pastilhas que enguli com sofreguidão. Eram duas pastilhas de *haschich*, a grande substancia fantastica e mysteriosa pela qual eu tenho a maior sympathia desde que li os «Paraisos artificiaes» de Baudelaire.

Apenas tomei as duas pastilhas deitei-me ao longo da cama e, passados alguns momentos, tive este sonho phantastico, extravagante:

Achei-me n'um camarim luxuoso e confortavel com pelles de tigre a servir de tapete e reposteiros de velludo carmezim, ondulando ao longo das portas. Eu estava como que adormecido n'uma ottomana de setim preto, faiscante de heliotropios bordados a oiro. Sentado no chão, com as pernas cruzadas e todo nu, um preto de cabelleira encarapinhada abanava-me com uma ventarola chinesa d'onde pendiam duas grandes borlas de retroz verde.

De repente abriu-se uma das portas: e então eu vi entrar serena, branca, victoriosa e olympica, a minha Valentina, a minha doce Valentina d'olhos transcendentales.

Calçava uns borzeguins escarlates, os cabellos trazia-os semeados de esmeraldas e duas pulseiras, cravejadas de pedraria, serpenteavam-lhe pelos braços acima, por aquelles braços tão appetitosos, tão brancos e redondos.

Ao vel-a assim tão perto de mim, envolvendo-me cariciosamente no seu olhar sereno e bom, tive o desejo brutal de a apertar nos meus braços, de sentir o contacto da sua pelle côr de rosa, de a suffocar com os meus beijos.

Corri para ella. E Valentina, longe de me repellir, encostou a cabecita no meu peito e disse-me cousas deliciosas, cousas que eu nunca tinha escutado e que me encheram de orgulho, de enternecimento.

Fallámos do nosso amor. Ella disse-me que tinha um palacio, construido n'uma ilha mysteriosa e longinqua e que era para lá, para essa torre fantastica e deslumbrante que nós deviamos fugir.

—Fujamos, disse-lhe eu.

Immediatamente descemos a um pateo onde tres cariatides de marmore negro deixavam cahir sobre as bacias de pedra um grande jorro d'agua crystallina e sonora.

Deante de nós abriu-se um largo portão e achamo-nos em frente d'um rio caudaloso e azul bordado com as lantejoulas do luar.

Mattemo-nos n'uma gondola. Cysnes pretos boiavam á flor da corrente, encurvando os pescoços e sacudiendo as azas. A' borda do rio os salgueiraes engrossavam as aguas com o pranto verde das suas folhas: e, sobranceiro e altivo, erguia-se um castello monstruoso cheio de columnas fugitivas, de zimbórios resplandecentes e de grandes varandins de pedra esculpturada onde pendiam as mais ricas gualdrapas de seda côr de cereja, bordadas com lhama d'oiro.

Era o castello de Valentina.

Quando a gondola atracou em frente do palacio saltámos rapidamente para as escadarias de pedra: pelas degraus perfilavam-se alguns alabardeiros com preciosas vestimentas. Em vases de metal trabalhado ardiam alguns troncos de madeiras perfumosas e uma philarmonica de cento e vinte e quatro musicos tocava estridulamente uns hymnos extravagantes e macabros. Leões familiares passavam juncto de mim sacudindo com altivez a juba d'oiro.

Depois de subir um vasto lanço de escadas, Valentina introduziu-me n'um longo corredor e, quando chegamos ao fim, entramos n'um grande salão cujo aspecto me sobresaltou.

O tecto e as paredes eram todas forradas de negro; uma lampada entornava o seu clarão leitoso e no sobrado via-se um bello colção de seda preta.

Valentina desprendeu rapidamente a tunica de musselina e, nua, como a Venus fabulosa, deixou-se cahir n'esse colção negro que augmentava a pallidez fria do seu corpo de estatua.

E foi então, foi n'esse instante, que eu roubei o primeiro beijo áquella boquinha de morango.

\*

De repente, acordei da minha hallucinação. Fechei a janella, bebi sofregamente um copo de agua e tentei adormecer.

Impossivel. A bem-Amada surgia-me constantemente com a sua graça provocante, os seus dentitos de lóbo, e o seu bello riso incomparavel.

Não pude adormecer. Passei a noite fazendo os projectos mais incoherentes, pensando nas cousas mais disparatadas, e, de manhã, quando me levantei, senti-me enfraquecido e adoentado como um convalescente que se levanta pela primeira vez.

Desde essa noite resolvi não prescindir de Valentina. Os meus dezoito annos estavam sequiosos d'essa aventura galante, d'essa pequenino romance que me fascinava. Passei toda a semana tentando resolver o complicado problema da minha conquista.

E, depois de muitas hesitações, resolvi confessar-lhe os meus sentimentos logo que me encontrasse com ella.

Esse dia chegou breve. Foi n'um domingo. A's 8 da noite dirigi-me para casa do Nunes, todo secio na minha «toilette» requintada: calças de xadresinho preto e branco, frake de diagonal, gravata de setim amarello e uma camelia vermelha na bocheira.

Quando entrei já lá estava a Valentina.

Depois de cumprimentar toda a gente fui-me sentar ao pé d'ella resolvido a dizer-lhe tudo. Entretanto, apenas lhe ouvi a



FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA

voz musical e serena, fiquei acobardado e tremulo, sem saber como havia de principiar.

Passei a mão pela testa algumas trinta vezes, assoei-me outras tantas e por fim, desisti do meu plano.

Já quasi ao fim da noite, Valentina com um sorriso amavel, segredou-me ao ouvido:

—Sr. Mendonça, quero pedir-lhe um favor.

—A's suas ordens, minha senhora: murmurei confuso.

Então Valentina deu-me o seu leque e pediu-me para lá escrever alguns versos.

Accedi gostoso.

Este pedido alegrou-me extraordinariamente. E, d'ahi a um quarto d'hora, quando nos despedimos, a sua mão prendeu-se na minha n'um grande aperto vigoroso.

Voltei para casa cheio de esperanças, de pequeninos sonhos.

Sentei-me a escrever e n'essa mesma noite o leque de Valentina era maculado com a minha penna, que o enchia de quadras ardentes e apaixonadissimas.

No dia seguinte enviei-lhe o leque acompanhado de uma carta amorosa, convidando-a a entrar commigo na grande estrada fl rente do Amor.

Valentina respondeu-me com esta carta:

...Sr.

«A sua carta surpreendeu-me devéras. O amor de que me falla não tem razão de ser. Pense um instante e verá que tenho razão. Note porém que sympathiso muito comsigo; e, portanto, se isto não lhe desagrade, considere-me muito sua amiga.

V.»

A esta carta seguiram-se as seguintes:

26 de Outubro

«Pede-me na sua ultima carta que lhe escreva quando tiver tempo: e, como ha sempre tempo para fazer o que se deseja, aqui me tem a conversar um pouco comsigo.

«O meu Poeta continua a insistir na sua ideia: eu, como sua amiga, devo continuar a despersuadir-o de semelhante cousa. Leia novamente a minha primeira carta e verá que tenho razão.

Tenho passado uns dias tristissimos. Desejava muito conversar comsigo: mas, *quand on n'a ce que l'on aime, il faut aimer ce que l'on a*, e portanto, já que o não posso fazer, recorro a esta folha de papel, que é o recurso dos ausentes. Adeus. Creia na muita sympathia da

V.»

28 de Outubro

«Muito obrigado pelos seus versos e pela sua carta. Envio-lhe umas madresilvas do meu quintal. E, sem tempo para mais, asseguro-lhe que nunca se esquece de si a

V.»

Esta carta, que differe bastante da primeira, foi escrita a 28 de outubro. No dia 5 de novembro Valentina escreveu-me as linhas seguintes:

«Meu poeta

Hontem á noite quando cheguei a casa encontrei uma carta sua e agora, 11 da manhã, recebi a outra que me estava prometida. Obrigada por ambas.

Quando se passa um dia sem receber as suas cartinhas, falta-me tudo. E sabe porquê? Porque o amo muitissimo, etc.»

(Contnúa).

EUGENIO DE CASTRO.

## S. JOÃO

San João, San Joannico,  
santo da minha affeição,  
ha que tempos que ao fanico  
ando de rastos no chão!  
Dá-me chelpa, faz-me rico,  
San João, San Joannico.

Faz-me rico, e tu verás  
como este velho jarreta  
se torna logo rapaz!  
E' ai da branca! ai da preta.  
Ai de todos!... tu verás.

Tu verás, mas cala o bico,  
San João, San Joannico.

E já te juro, não fico  
feito aqui um mandrião.  
A' laia de maçarico,  
em cada nova estação  
a novas praias abico,  
San João, San Joannico.

Irei aos canaes do Egypto  
colher o azul Nenuphar,  
deixando o esguio palmito  
de cara á banda ficar.  
E mais o dever me impuz  
de tr zer, da India, o nardo  
que os pés ungiu de Jesus;  
do sertão, pel' de leopardo  
p'ra cobrir teus hombros nús.

Depois, meu doce patrono,  
depois de brindar-te assim,  
sentar-te-hei sobre um throno  
todo de prata e marfim.  
Para accender te a fogueira  
Que em teu louvor arderá,  
quer o queira, quer não queira,  
o Vesuvio me dará  
por braza a cratera inteira.

Cá para mim, das viagens  
poucochinho heide trazer,  
dez orças, quatro carruagens  
que o throno meu hão de ser;  
em vez de aromas e flôres,  
latas de finos piteus,  
um ôdre de bons humores;  
para o v'rão os Pyreneus,  
e para o inverno... amores.

Já tu vês, meu San Joannico,  
santo do meu coração,  
mais que um reles mangerico  
ousou eu pôr em tua mão  
se acaso me fazes rico,  
San João, San Joannico.

O que eu ao fisco bifar  
não tomes tu em trambolho,  
que, além de como elle obrar,  
se o pae Paulino tem olho,  
que faça favor de olhar.

Feia coisa é o mexerico  
San João, San Joannico.

E já que tão bem me explico,  
mais um favor, São João:  
se eu usar da rima om—ico  
n'outro qualquer apertão,  
não me concedas ser rico,  
San João, San Joannico.

23-6-74.

F. PALHA.

## A CORTEZÃ

Por mais violentas que sejam as tempestades que levanta em seu torno no oceano dos homens, ella, a cortezã, sobrenada sempre, brilhante, assassina, inextinguivel como um fogo de guerra. Para qualquer lado que vos volteis da historia, avistal-a-heis, algures, de pé ou deitada, n'uma posição triumphal. Na Biblia apparece-nos sobre uma montanha de mantos de purpura, tropheu dos seus amantes despojados.

A India fel-a entrar no serralho mythico dos seus deuses; a Grecia elava-a á dignidade de musa, e pôe-lhe nos braços a lyra de marfim.

E' ella quem abre as veias ao imperio romano para o entregar examine nas mãos dos barbaros. Excommungada na idade media, reaparece aos primeiros fulgores da Renascença, florescente, lasciva, pagã até aos bicos dos pés. Atravessa o seculo XVIII ao galope dos seus oito cavallos enfeitados de rosas, n'uma equipagem de fada opulenta, semeando ás mãos cheias, na sua passagem, o oiro, as perolas, a insolencia, a blasphemia e o talento. Nos nossos dias, emfim, edilicou ella só todos os bairros, a pyramide de Rhedope, da Paris moderna. Moabitás, bayaderas, he-tairas, libertas, «dames galantes», nymphas impuras, lorettes, «damas das camelias», como se chamavam hontem, mulheres de marmore, como lhe chamam hoje, qualquer que seja o seu typo, o seu nome, o seu traje, o seu processo de rapina e de corrupção, teem em todos os tempos «vindimado o mundo» consoante a sangrenta expressão do pae latino.

De todos os tempos teem reinado sobre as paixões inferiores, sobre os feros instinctos, sobre o tedio que paira e divaga em busca da preza. A parte animal da humanidade pertence-lhes; el-



las sabem-no, contam com isso, e Circéa só se preoccupa em augmentar e decorar os seus estabulos. Não é o Apocripse que nos mostra a cortezã da ultima hora cavalgando triumpiantemente a besta? «Que tremendo symbolo! como elle é medonho, verdadeiro e bello! Assim se explica esse mistiforio discordante de louvores e de injurias, debaixo das janellas venaes de Phrynea e de Lydia. O Espirito invectiva-as, a Materia lisongei-as e arrasta-se-lhes aos pés. Quantas vezes esses dois viajeiros se tem encontrado e cruzado no caminho: a alma que vae e o corpo que vem?»

O historiador dos homens e dos deuses—e das mulheres—que elle conhece bem—diz que as cortezãs passaram de moda; que os astros se converteram em pyrilampos. E' n'isto que elle se engana; as cortezãs reinam hoje mais imperiosa e despoticamente que nunca, existem em todas as camadas, e não foi sem muita razão que um romancista estudou n'um dos seus livros as cortezãs de alto cothurno. Um poeta grego exclama:—Uma hetaira! Tiveste acaso a desgraça de amar uma hetaira, beijaste essa serpente terrivel, essa chimera voraz, essa Charybides, essa Scylatri-fronte, essa esphinge assassina, essa leôa, essa hydra, essa vibora, essa harpya voraz? Todos esses monstros valem muito mais que a hetaira.

PAUL SAINT-VICTOR.

## AS NOSSAS GRAVURAS

A RAINHA VICTORIA DE INGLATERRA

A rainha Victoria, cujo jubileu a Inglaterra acaba de festejar ruidosa e brilhantemente, subiu ao throno, por morte do rei Guilherme IV, seu tio materno, em 20 de junho de 1837.

Victoria Alexandrina, que tem os titulos officiaes de «Rainha do Reino Unido da Gran Bretanha e da Irlanda e das suas colonias e dependencias na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, Imperatriz das Indias e Protectora da fé», nasceu em 24 de maio de 1819, e é filha do principe Eduardo, duque de Kent e da princeza Maria Luiza Victoria.

A actual soberana ingleza foi coroada na Abbadia de Westminster em 28 de junho de 1837, e casou, em 10 de fevereiro de 1840, com o principe Francisco Alberto Augusto Carlos, duque de Saxonia, de quem ficou viuva em 14 de dezembro de 1861.

D'este consorcio nasceram os seguintes filhos: a princeza Victoria Adelaide Maria Luiza, casada com o principe imperial da Allemanha; o principe de Galles, Alberto Eduardo; a princeza Alice Mathilde Victoria, esposa do grão-duque de Wesse, Luiz IV; o principe Alfredo Ernesto Alberto, duque de Edimburgo; a princeza Helena Augusta Victoria; a princeza Luiza Carolina Alberta; o priucepe Arthur Guilherme Patricio Alberto, duque de Connaught; o principe Leopoldo e a princeza Beatriz.

O retrato que hoje damos da rainha Victoria é copia d'uma photographia tirada em abril do corrente anno e que nos dizem ser fidelissima.

### MODAS

Os dois elegantes figurinos que hoje offerecemos às nossas leitoras, são:

1.º Jaqueta de panno, cruzando na frente e abotoada com grande botões de passamantaria. A casaca de rebuços e gola larga descaida, abre sobre um peitinho de seda, que fecha com uma gola lisa; mangas lisas, com um leve signal de canhão.

Chapéu de palha com grandes abas levantadas, tendo a copa enfeitada com um enorme laço de fita e um ramo de madressilva.

2.º Corpete de lã escesseza, guarnecido na frente com duas tiras de faille, sobre as quaes se applicam meias luas de contas. As mangas, a meio braço, terminam na parte inferior com um rufo de renda, a que se prende uma renda estreita e franzida.

Grande chapéu de palha, com a aba levantada na frente; no alto da copa, uma ave de phantasia, cujas plumas veem guarnecer a aba.

FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA

E' para mim axioma que em todas as familias ha umas certas pobres, typicas e tradicionaes, que recebem esmola periodica ou quotidiana por devoção e do coração. Na minha familia foi e continua a ser curiosa a galeria historica, e sem necessidade d'amonstrar exemplos, lembrarei uma familia que, passando em resenha o muito que tinha visto d'este mundo, exclamava com profundo pesar: «O que nos falta ver é uma fragata por dentro!»

Ha pois muita gente que conhece o theatro por fóra, mas só lhe falta vel-o por dentro.

E nem queiram ver a fragata por dentro... o theatro digol Não me atrevo a avançar que seja o caso de—«por fóra cordas de viola e por dentro pão bolorento.» Longe de mim irrogar similitude injuria ao que está do panno de bocca atém, porque estou como Garrett, que dizendo nas côrtes que D. Fernando tivera uma filna formosa, e por que José Estevão lhe retrucasse n'um aparte: «Por tal signal era bem feia, replicou: «Entendi ser contra as prerogativas da corôa chamar feia a uma princeza de Portugal! «Tambem entendo que é contra as prerogativas da corôa do palco applicar a ultima parte do adagio!

Entretanto, o certo é que as illusões, que se conservam viçosas na platea e nos camarotes, murcham por detraz dos bastidores; e desde que me lembro que uma atriz na peça tinha caruagens, librés, lacaio, etc., e ao acabar o espectáculo chovia agua se Deus a dava e não possuia sequer chapéu de chuva, jurei nunca mais acreditar no que via no theatro de fóra para dentro!

Já vêem pois que não conheci Taborda no theatro, porque se o conhecesse nem acreditava que era elle, nem mesmo o que elle é!

Foi portanto na officina typographica de Pedro Borges, na rua d'Oliveira, que o conheci; e nada menos do que em 1846, época memoravel e memoranda para os bons patriotas... *quorum magna pars fui!*

Em 1846 a Maria da Fonte triumphára, e eu com ella Guerreiro em perspectiva, poeta *casqui molle*, e politico *oro perfeito*, quiz dotar o meu paiz com um hymno popular e revolucionario, e de camaradagem com Frondoni—saiu o hymno do Minho.

Rompia o hymno:

*Baqueou a tyrannia!*

O duque de Palmella, ministro da revolução, prohibiu que baqueasse, e, logo á nasceção, não consentiu que se cantasse. Não entendi, como não tenho entendido o que fizeram outros ministros de outras revoluções!

Não venci portanto como poeta popular, puz-me á testa d'um jornal—*A Revolução do Minho*—que sustentava já se vê os principios revolucionarios; e ao principio tive por collega Antonio da Cunha Ribeiro Sotto Maior, que em breve me desamparou com o maior desafogo. Hoje, como devem saber, é diplomata. Para perto se mudou.

De Beranger a Graccho vae um passo. Ou compositor de hymnos ou tribuno; não ha meio termo.

Tem-se dito, e é verdade, que o amor e a amizade nascem, crescem, enraizam-se sem se saber porquê; e Damon e Pythias, Orestes e Pilades, não estiveram de certo muito tempo—*ó tio, tio, deite para cá o batel*, para chegarem a amigos intimos!

Talvez que, passado muito tempo, quando escrevi estes versos vesgos—«Na guerra particular antes da paz geral»—me lembrasse mais de uma vez de como se creára ao pé dos caixotins a nossa ami ade:

Assentado ao caixotim  
Lá na imprensa a compôr,  
Li eu uma historia assim,  
Tambem historia d'amor!

Pensei que tudo era pèta,  
Mas que tólo que era eu,  
Soffres tu, qual Julieta  
E eu amo como Roméul

Acreditam que Taborda não se parece nada com Julieta, agora eu com Roméul, não digo nada... E' materia de gosto!

Pobre Taborda! N'esta época a sua fortuna era bem limitada; e assim Emilio Doux admittiu-o a cumular no carunchoso pardiheiro do Gymnasio; e fel-o debutar, creio que, ainda por favor, no—«Marido que se desmoralisa»—n'um papel de moço de botequin, em que não tinha mais nada que dizer senão—«Salta um chá de tilia!» Pois não lhes minto se lhes disser que este simples dito—grangeou o salto da reputação; e Doux convenceu-se de que tinha em casa um actor!

Por muito tempo Taborda trabalhou no theatro e na officina; e tudo junto não lhe enchia nem a cova d'um dente furado!

Em proventos não tinhamos que invejar um ao outro, porque eu abarrotava um jornal todo e de graça!

Era dedicação ao meu partido, que até hoje me recompensou generosamente, ás avessas! Mas, em summa, como todos se aranjaram e optimamente, não ha razão de queixa.

Ainda me recordeo do primeiro presente que dei a Taborda! Foi um lenço de risquinhas encarnadas, *alliança mesquinha*, como mesquinho nasceu o doador, viveu até hoje, e provavelmente pelo morrerá!

Entretanto esta prenda foi tão rica para Taborda, que com ella no pescoço atravessou as numerosas representações da *Velhice camorada*, e quando já não restava senão um trapinho, confessou-me quasi com as lagrimas nos olhos que o tinha perdido!



ALBÉRIC SECOND

Os máus costumes adquirem-se com facilidade. Tabora era exclusivamente actor, eu por força havia d'escrever exclusivamente para o theatro; e por elle e só por elle atirei-me como gato a bofes á litteratura comica. Elle ria ou os outros riam quando representava; eu não podia chorar nem fazer chorar.

Agora o que devo confessar é que, como escriptor de theatro, ganhei tanto como politico. N'uma e n'outra carreira pagaram-me com a gloria, e louvaram-me o patriotismo e a abnegação.

O velho Gymnasio está a ameaçar ruina; quem o salvará? Quem? Eu e Tabora. *Corro a salvartil*

Surge a idéa da opera comica; Emilio Doux foge espavorido, porque entende que a arte fica pelas ruas d'amargura; e eu, lembrando-me do mestre Horacio

*Si fractus il. batur orbis...*

engendro, de sociedade com Miró—*A Marquiza*. Que triumpho! Arvoro Tabora em tenor e galan... (tenho feito d'elle gato sapato) e o theatro está salvo!

D'aqui em diante a exurrada musical é certa; e ainda Tabora apparece successivamente nas minhas operas comicas—*Conselho dos dez* e *Qual dos dois?* N'estas duas ultimas foi collaborador o meu excellente amigo José Maria da Silva Leal.

A este tempo, o credito de Tabora estava solidamente de pé, mas o barracão do Gymnasio é que ia a terra; e então tratou-se de o cauterisar. Para grandes males grandes remedios.

Em 16 de novembro de 1852 é a abertura; e já se vê, ahi figurando conspicuamente com o *Misanthropo*, e Mendes Leal com o *Tio André que vem do Brazil*.

*Fervet opus!* sou infatigavel e uma cataracta de traducções, imitações, e originaes esmaga o remoçado Gymnasio. De *refuerzo* a *Murillo* vem o meu amigo d'infancia Francisco Palha; e desde o—*Andador das almas* até á *Fabia*—Tabora vae de dia para dia captando as sympathias do publico.

De repente, acode-me nova idéa. O genero de Lavassor, a scena comica, podia ser introduzido entre nós; e sem mais nem mais, apparece—*O José do Capote*.

Todos ou quasi todos o viram, e por isso sabem que com esta producção fiz a felicidade do meu paiz e juntei tal carrada de louro, que ainda ha pouco pela Paschoa deixou de se engrinaldar a cosinhal

Ao José do Capote seguiram-se: *O amigo dos artistas*—*A saída da Tragedia* e *O amor pelos cabellos*.

A inimitavel creação de *Miguel o Torneiro*—deu-me vontade d'escrever—*A historia d'um marinheiro*. Não me sai bem, porque Tabora chorou deveras durante toda a scena; e no theatro, para se chorar bem, é necessario fingir que se chora!

O Gymnasio começa a adoecer de cachexia pecuniaria; quasi faz ponto, e não paga mesmo ao ponto

Tabora vê-se forçado a fazer vida de camaleão; abre-se a Trindade. Palha, que é tambem amigo d'elle (e quem o não é?) falla-lhe para lá ir com as condições que quizer; a concessão illimitada rejeita-a; e Tabora consulta-me, obriga-me a prometter-lhe que o hei de acompanhar. Prometto e cumpro, apesar de já me faltar o gosto, com o augmento dos annos e os dissabores devorados em silencio, que me tem cortado o melhor da vida.

A estreia de Tabora na Trindade é ainda com o *Senhor Procopio Baeta fica em casa na noite de...*, da minha lavra; e por um esforço sobre humano saem dos bicos da penna—*Sarao litterario* e a *Grande Duqueza de Gerolstein no penultimo andar*.

Reina Offenbach, e Tabora, que se não entendia com esta realza, tem de regressar ao Gymnasio. O bom filho á casa torna! E' velho, mas exacto.

Aqui dou faudo.

Se vos fallei de mim simultaneamente com Tabora—é porque entre um e outro ha a mais estreita ligação. Não a ligação phisica dos Siamezes, mas a moral.

Muitos acreditam que Tabora está sempre a rir; e por vezes tenho observado que muita gente, ao passar por elle, ao fitalo—ri-se!

Um d'estes, e dos mais sinceros, foi um moço de botequim, que houve ha tempo proximo do adro da igreja da Encarnação.

Tabora entra para vér a casa, e pede uma limonada, para não passar por *emprasadador*.

O moço, apenas o avista, desata a rir; a rir pede, ao balcão, a limonada e a rir a serve ao freguez.

Tabora vae para pagar e pergunta: quanto é?

—Não é nada.

—Como! Não é nada?!

—Não senhor... (riso alvar) o senhor tem-me feito rir tanto no theatro... (novo riso d' citado auctor) que me ha de dar licença que lhe offereça esta limonada!

Pois, senhores, o homem que suppondes folgassão e sempre a rir—é mais melancolico do que jovial; e não o estranho, porque Bouffé, um dos mais graciosos actores que teve ha annos a França adoeceu de hypocondria; e sendo visitado por um medico celebre, como lhe não atinasse com a molestia, disse-lhe:

—Porque não vae ao theatro ver Bouffé? Isso decerto o distraí!

Bouffé, baixando tristemente a cabeça, respondeu:

—Bouffé?... Sou eu!

Agora se Tabora é com effeito um grande talento, se merece a estima do publico, o mesmo publico que resolve o problema, se é que não está já resolvido.

PAULO MIDOSI.

ALBÉRIC SECOND

Acaba de fallecer em Paris, victima d'uma pneumonia contrahida na noite do incendio da Opera Comica, este distincto romancista francez.

Albéric Second contava 70 annos de idade e exerceu em 1848 as funcções de sub prefeito e de commissario de theatros. Era um romancista e um jornalista infatigavel. Collaborou por muito tempo no *Charivari*, no *Figaro* e no *Moniteur universel*, publicando n'este ultimo jornal muitos romances, e entre elles *La Semaine des quatre jeudis* e *Les demoiselles du Ronçay*, obra coroadada pela Academia.

Tambem escreveu muito para o theatro e com grande exito.

Chronista cheio de *verve*, semeiou brilhantes phantasias na maior parte das folhas parizienses, e o seu nome figurou muitas vezes nas columnas do *Monde illustré*.

Albéric Second afastára-se ha annos do movimento litterario.

O DANUBIO

Damos hoje á estampa uma vista da margem esquerda do Danubio, tirada do sudoeste, fronteira á cidade de Nicopolis. O Danubio é um dos maiores rios da Europa, e foi reverenciado como divindade pelos gregos e outros povos da antiguidade.

Nasce no gran-ducado de Bade em Douaueschingen, a 6° 10', long E., 47° 58' lat N.

Atravessa o Wurtemberg, a Baviera, a Austria, a Hungria; separa a Hungria da Servia, e depois a Valachia, a Moldavia e a Bessarabia da Bulgaria, e entra no mar Negro por muitas boccas, sendo as principaes as de *Kilia*, *Sulina* e *S. Jorge*.

Tem de percurso 2790 kilometros.

As povoações principaes que banha, são Sigmaringen, Ulm, Ratisbonna, Passau, Lintz, Vienna, Presburgo, Gran, Buda, Pesth, Petervaradin, Belgrado, Sémeendria, Widdin, Nicopolis, Rustchuck, Silistria, Braila, Galatz e Ismail.

Tem por principaes afluentes, pela direita, o Iller, o Lech, Inn, Traun, Enns, Trasen, Leitha, Raab, Drave e Mur, Seve, Morava, e o Jsker; e pela esquerda o Breuz, o Wernitz, Altmuhl, Nab, Regen, Ilz, March, Gran, Theiss, Aluta, Árdjich, Sérath e o Pruth.

O Danubio formou por muito tempo o limite do imperio romano, com excepção da epoca em que a Dacia Trajana esteve unida a esse imperio.

E' muito veloz. A sua velocidade é de 7 milhas por hora.

Nas suas margens, da Hungria em diante, veem-se grandes lagoas; tem poucas prtes e é ahi de difficil navegacão.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas novissimas

Retribuição á distincta associação charadistica  
«Club dos Punhaes de Prata»

Nota que ampara e é bravo—1-2.

E' meu parente, e antecede ao rei este homem—2-1.

Todos temos um animal n'esta povoação da Beira Baixa—2

—2.

Nota que este pronome é uma machina—1-1.

Este homem está tolo por ter um sapato—1-3.

Affirmo que este animal é teu rival—1-2.

Aperta, sovina, este engenho—1-2

Para, por que te faz parar este vaso—1-1.

Castello Branco.

ARIÉVILO & ORUOL.

### Charada em quadro

Olhé, meu leitor,  
E' melhor deixal-a;

Pois perde o seu tempo  
Em qu'rer decifral-a!

. . . . . Primeiro, actor celebre,  
. . . . . Agora, uma ilha,  
. . . . . D'pois, vé cidade,  
. . . . . No fim, rio pilha.

Quedo! meu menino,  
—Que brincadeirinha!—  
Deixe-me a charada  
Estar quietinha.

MATHEUS JUNIOR

**Charada conjugada**

Eu tenho, }  
Tu tens, } 2  
Elle tem; }

Nós temos, }  
Vós tendes, } 2  
Elles tem. }

Deus te livre a ti, amigo,  
De fazer o que aqui digo;  
Porque é signal evidente  
Que, estando velho, ou doente,  
Tua vida corre p'rigo.  
Deus te livre a ti, amigo,  
De fazer o que aqui digol...

Leiria.

M. MONTEIRO.

**Logogripho-soneto**

(Ao Club dos Punhaes de Prata—Porto)

Premio:—12 fasciculos das «Fabulas de la Fontaine» a quem primeiro me enviar a decifração para a rua de Santo Ildefonso, 275, Porto.

Um dia, quando eu andava  
No quintal a passeiar,  
Gosando da madrugada  
O formoso despertar,

Vi uma ave pequenita - 8, 9, 8, 7  
N'uma arvore a pipitar.—1, 2, 1, 1  
Tinha frio, coitadita,  
Pois estava a tiritar.

Quiz agarral-a, mas ella—8, 7, 8, 9  
Bateu azas e voou  
P'ra junto d'um animal—6, 11, 10, 3, 2, 5, 4, 3

Depois, co'uma philomella,  
Ligeira s'encaminhou  
P'rás franças d'um vegetal...

Porto.

REI CHIQUITO.

**Decifrações**

DAS CHARADAS EM VERSO:—Pan Tarantula—Mortalha.  
DOS LOGOGRIPHOS:—Gonçalves Crespo—Incorrigibilidade—  
Rei Chiquito.

**A RIR**

Lili, uma pequenita de sete annos, pergunta ao pae o que é um engeitado.

—E' um rapaz que não tem paes, responde este.

—Não tem paes? é por que morreram?

—Não... é que...

—Ah! já sei, exclama Lili: são orphãos de nascença!

\*

Uma cocotte muito conhecida em Lisboa, comprou ha dias um cavallo a um a'quilé, que lhe affiançou não ter o animal o menor defeito.

Mettido o cavallo ao coupé, não puchava nem á mão de Deus didre.

Mandou chamar o alquilé.

—E' um cavallo cheio de vicios!

—Cheio de vicios! exclama elle, só se os apanhou n'estes dois dias.

E depois, por entre dentes:

—Os maus exemplos tel-o-hão perdido.

**UM CONSELHO POR SEMANA**

SABÃO DE RESINA

Fervem-se conjunctamente:

Resina amarel'a bruta..... 2 partes  
Potassa..... 1 "  
Agua commum..... 4 "

E' necessario conduzir o fogo com cuidado para que a mistura não transborde.

Este sabão é muito economico.

**A MORTE DO CLOWN**

I

O circo estava inteiramente cheio. Aquelle zumbido de colmeia immensa, produzido por centenas de conversões em voz baixa, e pelos continuos movimentos de cadeiras, cessou com os primeiros acordes da orchestra dando o signal de começar o espectáculo. O reposteiro á entrada do picadeiro correu-se estrepitosamente e uma *ecuyère*, garbosamente montada n'um fogoso alazão, fez entrada triumphal, sob retumbantes applausos de toda a sala. Era uma formosa mulher, alta, elegante, de formas divinaes, de uma correcção escultural. Sentada no microscopico selim, com o aprumo d'uma rainha, atravessou o circo comprimentando graciosamente as damas dos camarotes, e depois, forçando o cavallo a ajoelhar no meio de um galope, atirou um beijo a duas seductoras creanças de anellados cabellos louros, que nas primeiras bancadas da plateia, avidamente, seguiam os trabalhos correctos da grande artista. O cavallo, obedecendo, sem o menor assomo de revolta, aos imperceptiveis movimentos do *stick* da gentil amazona, fazia maravilhosos prodigios de intelligencia, e quando os trabalhos terminaram, as ovações repetiram-se com extraordinaria insistencia. Os seguintes numeros do programma correram no meio da geral indifferença, até que a *troupe* dos palhaços rebolou em bellas gargalhadas sonoras até ao meio do circo. Eram seis ao todo os que nocturnamente faziam as delicias do publico pelo espirito que mostravam nos seus entremeses comicos. Mas, entre elles, o que mais sobressahia era William Cobb, a gargalhada feita homem, e que bastava apparecer para provocar a hilaridade no mais sorumbatico espectador. Desde os fatos que vestia, de uma originalidade comica, até aos gestos e cabriolas, tudo n'elle tinha uma nota palpitante de graça e alegria, que predispuha os espectadores em seu favor. Além d'isso era um artista notavel, trabalhando com pericia nos trapesios, exercicios em que era sempre calorosamente applaudido.

N'aquella noite, porém, elle, que era o primeiro a atroar o circo com os seus *ha-ha-ho* de vibrações insurdecadoras, deixara de apparecer juntamente com os companheiros. Os cinco saltavam, faceciavam, mas o publico pouca attenção lhes dava, esperando a entrada do *clown* querido, cuja demora attribuiam a combinação para alguma palhaçada de effeito. Como porém não apparecesse, os espectadores reclamaram-o, primeiro alegremente, mas depois com manifestos signaes de desgosto. Quando o rumor da pateada ia já augmentando soffrivelmente, a peruca immensa e a cara alvacenta de William appareceu de entre as dobras do reposteiro, e o artista, vagarosamente, encaminhou-se para o centro da arena. Aquella agilidade de serpente em que o corpo tomava todas as formas possiveis, desaparecera e o *clown* quasi que se arrastava, parecendo atacado de subita paralyisia. As palmas com que fôra recebido calaram-se, e o echo d'essas vibrações alegres como que se transformou em soluços de agonia. William deu uma cambalhota forçada, sem graça alguma, e erguendo-se de chofre, fez uma careta que quiz tornar comica, mas que, mau grado seu, fazia presentir, sob a espessa camada de alvalade, uma profunda e pungentissima dôr. O publico como que tinha a intuição do soffrer do artista, e seguiu-lhe os movimentos n'um silencio profundo, não perturbado pelo mais tenue ruido. O *clown* agarrou um dos companheiros, ergueu-o, psseiando-o em seguida suspenso nos braços. Quando o pousou no sólo chegou-o a si, e n'um movimento instinctivo, estreitou-o anciosamente ao peito, e correndo para um dos extremos do circo, saltou

a corda que estava presa a um dos mais elevados trapesios, e subiu por ella até se sentar no aparelho. Os companheiros que-daram-se absortos, o publico continuava no mesmo silencio afflic-tivo que mantinha desde o apparecimento do artista, e nos olhos da maior parte das damas viam-se bailar umas pequeninas gotas de prata...

## II

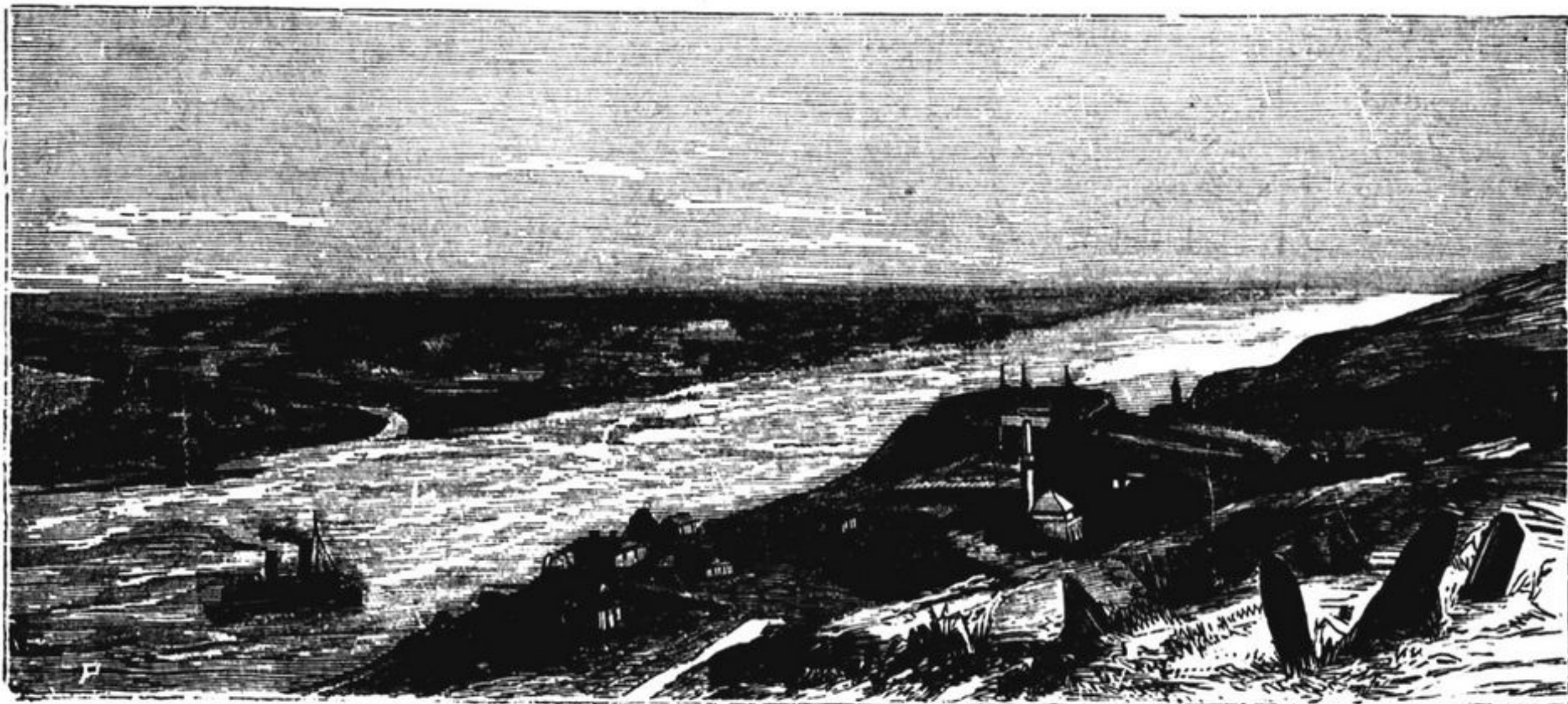
William, o *clown* afamado, era, fóra da arena, um cavalheiro na mais rigorosa acepção da palavra. O alvaiade e os fatos de palhaço encobriam um formoso rosto de adolescente e um corpo esbelto, verdadeiramente distincto. Fóra do circo transformava-se completamente, e aquelle que na arena se revolia pelo sólo em esgares truanescos, e que tinha sabidas de uma graça admiravel, era, no trato intimo, d'uma seriedade que inteiramente separava o homem do mundo do palhaço dos circos. Como homem tinha um coração d'ouro, que fóra inteiramente captivado pela primeira *ecuyère* da companhia. Na verdade, nada mais natural, pois a es-belta rapariga parecia só ter nascido para semear paixões por toda a parte por onde passasse. William a primeira vez que a viu ficou completamente fascinado, e elle, que nunca amara, en-tregou desde logo o coração áquella tentadora mulher. Depois a intimidade, as noites de triumpho que a ambos embriagava, os applausos delirantes dos espectadores que de igual forma celebra-vam as facecias do *clown* e os trabalhos correctos da *ecuyère*,

docemente, e em seguida, voltando-se para o companheiro, entre gargalhadas de goso, repetiu n'elle as caricias que fizera ao ani-mal. As lages resoavam com o cadenciado tropear das patas dos cavallos, e o acre cheiro do feno como que produzia uma embria-guez esonteadora na cabeça da *ecuyère*, e chegando-se mais e mais para o seu companheiro, o uniu ao peito, estampando-lhe um ruidoso beijo nos labios. William ergueu-se allucinado, e lançan-do mão d'uma barra de ferro que estava encostada á mangedoura, correu para os dois, que se quedaram mudos de espanto ante o inesperado apparecimento, mas faltaram-lhe as forças, os joelhos dobraram-se-lhe, um como veu se levantou deante d'elle, que lhe fez perder a vista, soltou um grito e cahiu sem accordo aos pés dos cavallos.

Quando voltou a si encontrou-se só. A cabeça andava-lhe á roda, custando-lhe a equilibrar-se; encostou-se á hobreira da porta e alli ficou absorto, a pensar... nem elle bem sabia em que, até que um collega o veio chamar, dizendo-lhe que o publico o reclamava com insistencia.

## III

Os espectadores, presentindo que iam assistir a uma scena fóra do commum, fixavam avidamente os olhos em William, que sentado no trapezio, se balançava indolentemente, de braços cru-zados, n'uma completa attitude de abandono. Subito, de um salto, poz-se a pé no aparelho. Este movimento fóra tão rapido, tão bem feito, que o publico irrompeu em estrepitosos applausos. O



O DANUBIO

levavam aquelle amor até ao fetichismo, até á mais profunda e completa adoração.

Ella, porém, d'um natural leviano e *coquette* por temperamento, recebia gostosamente a côrte de todos os galanteadores, orgulhosa de ser alvo de tantas pretensões, o que sinceramente affligia o pobre rapaz, que se lhe entregara sem reservas, que lhe sacrificara tudo, e que por isso esperava obter d'ella tambem um amor sem limites. Soffria e vingava-se em chorar como um pusilanime. Muitas vezes viéra para a arena com a alma cheia de angustias e com o coração a estalar de pesar; obrigava porém os soluços e as lagrimas a recolherem-se no intimo do peito, substituindo-as pela gargalhada sarcastica e o gesto alvar do truão. Havia muito que presentia uma traição, e só n'aquelle dia é que obteve a certeza, vendo aniquilarem-se completamente todas as brilhantes miragens das suas mais sedutoras illusões. No momento da *ecuyère* se retirar do circo, elle achava-se na cavallariça. Um creado recolheu o cavallo, ausentando-se em seguida. Os restantes artistas ou estavam nos camarins ou esperando á entrada da arena o momento de fazerem a sua apparição. William afagou o cavallo em que a sua amada montara, e no momento em que ia a retirar-se, duas pessoas, conversando animadamente, encaminharam-se para o lugar onde elle estava; como lhe parecesse distinguir n'uma d'ellas a voz d'aquella que para sempre lhe roubára o coração, escondeu-se instinctivamente atraz d'uns mólhos de feno, e poz-se á espreita. A *ecuyère* e o hercules da companhia, um es-padaudo brutamontes de feições grosseiras onde se estampava a estupidez e a sensualidade, entraram rindo. A rapariga acercou-se do cavallo, que reconhecendo-a relinchou de satisfação, afagou-o

artista, agradecendo com um gesto, começou a executar os mais difficeis trabalhos de equilibrio. Ao primeiro repente de enthusiasmo succedeu no publico um silencio pungente, aquella opres-são afflictiva de que nos sentimos possuidos quando assistimos a arrojões de que podem resultar a morte desgraçada do artista. De momento a momento, quando elle parecia prestes a despenhar-se, repetidos *basta, basta*, vinham pôr termo ao trabalho. Nunca Wil-liam mostrara pericia assim, nunca fizera os prodizios que n'a-quella noite estava patenteando. Era assombroso! N'um momento ajoelha no ferro do trapezio, saúda os espectadores, e pouco a pouco vae resvalando até ficar suspenso do trapezio pelos pés. N'isto, do peito de todos os espectadores irrompeu um grito de horror...

William, quando imprimia um pequeno movimento ao trape-sio, os pés desprenderam-se-lhe, e revolteando no ar, veio bater com toda a força no rebordo do picadeiro.

Correram em seu auxilio, mas o desgraçado, golphando pela bocca sangue em borbotões, lançou tristemente um olhar de despedida para a entrada do picadeiro, onde, n'aquelle momento, pallida de terror, apparecia a gentil *ecuyère*, e exhalou o ultimo suspiro nos braços dos camaradas, que, doidamente, choravam como creanças...

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

Administração — Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados os direitos de propriedade litteraria e artistica.